

# Economistas debatem a crise nacional

O II Encontro Regional de Economistas do DF, realizado sábado, discutiu os temas Reforma Curricular, Mobilização da Categoria e Crise Econômica Nacional e Internacional. O Encontro, promovido pela Associação Profissional dos Economistas de Brasília e pelo Conselho Regional de Economia, contou com cerca de 50 participantes.

O economista Flávio Versiani informou que o Conselho Federal de Educação está realizando estudos e deverá determinar um novo currículo mínimo para o Curso de Economia dentro de poucos meses. Versiani salientou que atualmente o currículo mínimo constitui-se de 17 matérias (Rótulos, para o Economista), as quais representam, em média, apenas a metade do curso oferecido pelas grandes escolas, como a UnB.

Apesar de, pelas observações acima, a chamada Reforma Curricular ser bastante restrita, Versiani acha importante que os economistas a influenciem, pois considera que, "onde há ambiente favorável a uma verdadeira transformação (modernização), ou seja, onde já há processos de mudança em curso — são várias as escolas nesta situação, segundo o Economista — a simples mudança de rótulo favoreceriam mudanças".

## CRISE ECONÔMICA

Ressaltando que a Economia brasileira, sem dúvida, é internacionalizada, vulnerável às condições do mercado internacional, o economista José Santana disse que a estratégia que vinha sendo adotada pelo governo brasileiro até 1980 foi reestruturada a partir do "estrangulamento externo", quando os banqueiros que bancaram a estratégia de 1974 a 1980 não quiseram mais fazê-lo. Para Santana, o aumento de preço do petróleo é fator determinante no aumento substancial da dívida.

A nova estratégia, segundo ele, incluiu a redução do consumo e a redução dos investimentos. O ano de 1981 foi marcado pela redução dos déficits do balanço de pagamentos, aumentos da exportação e redução de importações, acompanhados do aumento de taxa de juros internos induzindo as empresas a tomarem empréstimos fora do país. Em 1981 ocorreu um fato inédito há mais

de 40 anos: o Produto Interno Bruto teve uma taxa de crescimento negativa. No mesmo sentido, a queda na produção industrial brasileira, de acordo com Santana, foi a maior do pós-guerra. Houve também queda no setor de serviços e o dramático aumento na taxa de desemprego.

O dilema atual, na opinião de José Santana, é: como crescer diminuindo o balanço de pagamentos. As exportações encontram sérios obstáculos. "O montante da dívida aliada à recessão mundial — que diminui a capacidade de importação dos países — ocasiona uma dramática redução das exportações". Nesta conjuntura é que o governo concede 52 por cento dos subsídios para as exportações.

Decorre da situação atual a dificuldade de alcançar um superávit razoável na balança comercial. Santana informou que a expectativa das autoridades no início do ano é de que em 1982, o superávit seria de três bilhões de dólares. No meio do ano a Carteira de Comércio Exterior (Cacex) admitia que um bilhão já seria uma boa performance. Atualmente, espera-se alcançar, no máximo, um superávit de 500 milhões de dólares.

Para José Santana, a situação brasileira é semelhante à do indivíduo que pula do 10.º andar e quando passa pelo 5.º diz: tudo bem, não aconteceu nada! Segundo ele, o desemprego é crescente, e a inflação só não chega a três dígitos porque a Fundação Getúlio Vargas "é inteligente".

José Santana acha que a proposta de renegociação da dívida externa, feita por setores da oposição, é uma espécie de "sonho de verão", pois o país não melhoraria muito sua situação e seria obrigado a se submeter às determinações políticas do Fundo Monetário Internacional.

O professor Lauro Campos (Crise Econômica Internacional) — um dos economistas mais conceituados do país — combateu a tese de que a crise econômica brasileira ou internacional se deve à crise do petróleo. Para ele, a crise é intrínseca ao processo de acumulação capitalista e deve ser analisada dialeticamente.